

Espelhos de Narciso, mimetismos imperiais: notas à margem do Portugal de Sacheverell Sitwell

Narcissistic Mirrors, Colonial Mimetics: some remarks on Sacheverell Sitwell's Portugal

Pedro Lopes de Almeida

Brown University
pedro_lopesdealmeida@brown.edu

Palavras-chave: Literatura de viagens, imperialismo, colonialidade, fotografia, mimetismos coloniais, modernização.

Keywords: Travel writing, imperialism, coloniality, photography, colonial mimetism, modernization.

1. Espelhos narcísicos e políticas imperiais

Gostaria de começar com uma pequena heresia. Gostaria de me afastar por momentos da versão mais canónica do mito de Narciso, aquela que nos chega por Ovídio nas suas *Metamorfoses* e que, calculo, ocupará parte importante dos trabalhos deste encontro, para me deter numa outra versão, porventura menos conhecida, mas que serve melhor os propósitos da minha exposição. Trata-se da versão de Pausânias, na sua *Descrição da Grécia* (também esse um livro de viagens), e fixada já no segundo século da era comum. Pausânias começa por comentar a versão corrente do mito, dizendo que lhe parece estapafúrdia a ideia de um homem com idade suficiente para se apaixonar não ser capaz de distinguir um ser humano de um reflexo na água (não está mal visto...). De acordo com a versão preferida por Pausânias, Narciso teria uma irmã gémea, em quase tudo semelhante a ele. Os dois costumavam caçar juntos, usando idênticas roupagens, armas, e modos de por os cabelos. Narciso ter-se-ia então apaixonado pela irmã e, quando esta morre, ele iria até à fonte onde costumavam beber juntos para, sabendo ser aquele o seu próprio reflexo (não era estúpido nenhum...), encontrar nele algum alívio para a sua dor, imaginando ver não a sua imagem, mas a

da sua irmã (9.31.9)¹. Ora esta versão, porventura menos dramática, permite-me colocar a seguinte pergunta: pode, afinal, o espelho ser um problema? Pode um espelho exigir de quem nele se revê um esforço de interpretação, e uma reorganização daquilo que a superfície lhe devolve? Numa palavra: pode um espelho ser também um *puzzle*?

Publicado originalmente em inglês em 2008 e traduzido para o português apenas em 2019, *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Quotidiano*, da artista plástica, escritora e teórica Grada Kilomba oferece-se ao leitor — na magnífica edição da Orfeu Negro aparecida em Maio de 2019 — como um espelho refletindo na capa o rosto da leitora, ou de quem tome nas mãos o livro-objeto. A obra recolhe uma série de cenas aparentemente triviais onde interações mais ou menos comuns produzem práticas de violência racializada, através de processos de subalternização onde o passado colonial e as relações entre branquitude-negritude nunca estão demasiado distantes. Como demonstra em cada um dos episódios que revisita Grada Kilomba, “Olhar e questionar são formas de controlo que encarnam naturalmente o poder” (Kilomba, 2019, p. 121). Assim, a superfície espelhada na capa do livro remete a potencial leitora para a sua própria situação de poder, começando por devolver a priori a quem se encontra fora do livro todas as perguntas que se pode esperar verem respondidas lá dentro, e destruindo assim a estabilidade da relação sujeito-objeto na base da epistemologia ocidental e, claro, da tradição académica em que, de uma maneira ou de outra, nos inserimos.

O espaço entre a superfície da água e o rosto de Narciso torna-se problemático, denso, e tem de ser percorrido em múltiplas direções uma e outra vez em redor deste livro-objeto que reflete tudo à sua volta. Se, por um lado, não procuro aqui estabelecer equivalência entre os processos de racialização identificados por Kilomba e aqueles que irei tentar expor em seguida — não se trata, no texto de que irei ocupar-me, de uma relação colonial, nem se trata, na maioria dos casos, de uma subalternidade pela construção de um sujeito negro por oposição ao branco europeu — importa-me, outrossim, alargar o campo de possibilidades dos processos de subalternização, incluindo a construção de hierarquias discretas e subtis baseadas na corporalidade, a partir de interações quotidianas, de modo

¹ “They say that Narcissus looked into this water, and not understanding that he saw his own reflection, unconsciously fell in love with himself, and died of love at the spring. But it is utter stupidity to imagine that a man old enough to fall in love was incapable of distinguishing a man from a man’s reflection. There is another story about Narcissus, less popular indeed than the other, but not without some support. It is said that Narcissus had a twin sister; they were exactly alike in appearance, their hair was the same, they wore similar clothes, and went hunting together. The story goes on that Narcissus fell in love with his sister, and when the girl died, would go to the spring, knowing that it was his reflection that he saw, but in spite of this knowledge finding some relief for his love in imagining that he saw, not his own reflection, but the likeness of his sister. The flower narcissus grew, in my opinion, before this, if we are to judge by the verses of Pampbos. This poet was born many years before Narcissus the Thespian, and he says that the Maid, the daughter of Demeter, was carried off when she was playing and gathering flowers, and that the flowers by which she was deceived into being carried off were not violets, but the narcissus” (Pausanias, 1935, p. 311).

a compreender os efeitos do poder — nas suas dimensões imperiais, neocoloniais, globalizantes, e num quadro capitalista — como prática de espelhos narcísicos, onde um *eu* procura um *outro* que não está lá (ele sabe-o, no fundo, como o Narciso de Pausânias), não pode estar, mas lhe parece necessário para poder construir a imagem de si que, num dado sistema, lhe parece a mais adequada.

Tudo isto pode soar demasiado vago por enquanto, e é natural que assim seja. Proponho então, depois deste preâmbulo necessariamente insatisfatório, visitar brevemente alguns argumentos que têm sido formulados em torno das ideias que pretendo explorar, para em seguida, passar a uma leitura rente ao texto do livro de viagens *Portugal and Madeira*, de Sacheverell Sitwell, onde encontrei um número de figuras narcísicas curiosas que talvez me permitam avançar algumas ideias. Farei essa leitura em torno de três momentos, ou três eixos de sentido, e, convém dizê-lo desde já, irei quase sempre limitar-me a deixar falar o texto original, quase sem interferências da minha parte (de uma certa maneira, como a capa do livro-objeto de Grada Kilomba). A minha linguagem será, pois, quase sempre colada à letra de Sitwell, traduzida por mim do modo mais direto possível.

É conhecido o argumento do sociólogo Boaventura Sousa Santos acerca das características particulares da ocupação colonial portuguesa em África². Segundo ele, a posição semiperiférica do espaço metropolitano português no âmbito das potências colonizadoras encontraria eco na condição dos colonos portugueses nos territórios ocupados em África, colonos que se encontrariam em posições intermédias entre os demais colonizadores brancos europeus (Próspero) e as populações vítimas da colonização (Caliban). Não pretendo aqui discutir os méritos e as insuficiências da abordagem de Sousa Santos (o que já foi feito, de resto, com bastante detalhe)³, mas apenas convocar essa sua perspectiva como contraponto

² Em “Entre Próspero e Caliban”, Boaventura de Sousa Santos analisa a condição “semiperiférica” ocupada por Portugal na cena internacional (Santos, 2003, p. 27), para propor uma revisão da especificidade do colonialismo Português (especialmente em África) no século XX: um Estado periférico na Europa, em estado de subdesenvolvimento, procurando manter um domínio colonial ultramarino sem possuir os recursos necessários para isso, sendo ele mesmo subalterno relativamente a outras potências coloniais da época. De acordo com Sousa Santos, tendo embora a inserção de Portugal no projeto de expansão europeia sido original, a ulterior vinculação do capitalismo industrial ao colonialismo viria a pôr termo a esse discurso da originalidade portuguesa, substituído pela “derivação, pelo particularismo e [pela] especificidade” (p. 29), redundando assim numa “estranha suspensão do tempo, numa anacronia”. Embora a sistematização seja altamente eficaz na caracterização da relação colonizador europeu/colonizado, e em particular na demonstração da ineficácia e brutalidade da ocupação como consequência da temporalidade específica em que se desenvolve este modelo colonial, pouco é dito acerca da construção desta subalternidade relativa face às outras potências coloniais, tendo a dimensão *calibanizada* desse Próspero (Caliban doutras latitudes) ficado, até ao momento, largamente inexplorada. Curiosamente, esta dimensão permanece igualmente ausente das críticas e objeções que têm sido apontadas à teorização de Sousa Santos, o que parece sugerir um certo grau de naturalização das premissas do seu argumento.

³ Mais recentemente, os trabalhos de autores como Miguel Vale de Almeida, Paulo de Medeiros, Ana Paula Ferreira, entre outros, vieram contribuir para uma abordagem mais nuanceada das questões de identidade e raça no contexto português. De uma forma ou de outra, estes autores

— num primeiro momento — e possivelmente (sem contradição) como complemento — num segundo momento — à leitura que proponho de *Portugal and Madeira*. Por um lado, o relato de viagens de Sitwell demonstra que não existe uma diferença substancial entre a expansão imperialista de Portugal e da sua metrópole de origem (Inglaterra), como fica patente na afinidade de efeitos que essas ocupações produzem nas duas metrópoles, e que constituem, grosso modo, o núcleo admirativo de Sitwell em Portugal (a opulência do barroco, a abundância de talha dourada, as riquezas amalgamadas na exploração colonial e vertidas em palácios sumptuosos, os excessos do manuelino, ou o acesso a objetos e bens deslocados de países e culturas distantes com as quais os colonizadores estabeleceram relações largamente expropriativas), mas também as brutais desigualdades sociais e económicas resultantes de regimes tremendamente lucrativos para um pequeno número de indivíduos que acumulam poder, bens e capital com origem imperial, vis-à-vis todos os demais. Esta é, evidentemente, a dimensão que se poderia dizer em contradição (ou talvez, com mais propriedade, contradistinção) com a leitura de um Próspero calibanizado — e, de resto, não contém em si nada de especialmente original. A outra forma de relacionar a minha leitura com a abordagem já clássica de Sousa Santos — talvez mais original — pode ser vista como um modo de complementaridade à sua análise. Na linha das teorias que atrás evoquei de Grada Kilomba e do racismo como produção quotidiana de atos aparentemente triviais, procurarei destacar como aspetos discretos na produção de um livro de viagens são instrumentalizados na produção de inferioridades estratégicas entre o viajante britânico e os portugueses locais, isto é, na transformação de sujeitos (homens e mulheres com quem se cruza e interage nas viagens) em objetos narrativos calibanizados. Na combinação destes dois modos de relação espero poder realçar a tal imagem narcísica, de aproximação e repulsa, que anima a minha leitura de *Portugal and Madeira*.

Partindo destes diálogos críticos, a minha hipótese exploratória para a leitura que proponho de *Portugal and Madeira* assenta na premissa segundo a qual aqui — como noutros textos congéneres — há um imaginário do Portugal contemporâneo que é objeto de negociação por parte do viajante-escritor. Um imaginário marcado pela não-pertença a um tempo e a um espaço que poderíamos designar como “A Europa”, que serve aqui como substituto de “A Modernidade,” sendo que esta, por sua vez, serve como substituto para “a branquitude.” Esta não-pertença exige desde logo uma operação de distanciamento e parentetização da realidade imediata, das pessoas, da vida quotidiana, enquanto se alicerça, ao mesmo tempo, numa negociação da memória destinada a adjudicar um lugar específico ao passado imperial e ao presente de ocupação colonial protagonizada pelo regime português. Noutras palavras: se existe, por parte do viajante inglês, uma identificação com o imaginário expansionista na base da ocupação colonial,

têm demonstrado como a experiência das vítimas do colonialismo de ocupação branca europeia protagonizado por portugueses coexiste com uma subalternidade desse mesmo colonizador no quadro de um capitalismo transnacional com efeitos em todo o campo, complicando assim as narrativas de subalternidade(s) presentes na metrópole e nos espaços coloniais portugueses.

que não é dissociável do papel do império britânico no mesmo período, essa identificação é tensionada pelo exercício de poder de um homem, branco (ou mais branco), vindo de um espaço hegemónico, que se revê numa relação altamente estratificada com os corpos que encontra aqui. Trata-se, em suma, de negociar a imagem devolvida pelo espelho — mimetismo imperial — encontrando um regime que preserve a desigualdade estrutural na base destas relações.

2. *Portugal and Madeira*, ou um Narciso em viagem

Sir Sacheverell Sitwell nasce em 1897 em Scarborough, Yorkshire, no seio de uma família da alta aristocracia inglesa, e morre em 1988 em Towcester, Northamptonshire. Sacheverell é o mais novo dos três irmãos Sitwell — Edith Sitwell e Osbert Sitwell, conhecidos como os “literatos Sitwell”, e que gozam, desde os anos 20, de fama como os mais refinados (e snobes) poetas e ensaístas do meio artístico britânico. O trio irá protagonizar momentos memoráveis na alta sociedade inglesa, como várias performances em castelos, recitais de poesia marcados pela excentricidade, e festas que contribuem para definir os anos 30 como *a era do swing*. Sacheverell destaca-se como crítico de arte, publicando numerosos livros acerca do barroco europeu e da arte inglesa do século XIX⁴, além de vários livros de viagens, que lhe valem um público fiel de viajantes de sala de estar⁵.

Portugal and Madeira, publicado em Londres pela Batsford em 1954 e em Nova Iorque no ano seguinte pela Hastings, insere-se no corpus relativamente vasto (e pouco explorado) de livros de viagens escritos ao longo da primeira metade do século XX tendo como temática central um país — Portugal — mais ou menos isolado do resto da Europa, atravessando mudanças políticas e sociais nem sempre fáceis de compreender aos observadores estrangeiros. O volume conta com um mapa do país desenhado pelo autor e 71 fotografias, algumas delas captadas pelo próprio ou pela sua esposa, outras adquiridas a fotógrafos que visitam o país no mesmo período (como Fritz Henle, A. F. Kersting, Lettice Ramsay, Paul Popper, ou Gerti Deutsch). O livro é recebido com algum entusiasmo, como demonstra o número apreciável de recensões publicadas nos anos seguintes (destacando-

⁴ Entre eles podem ser referidos: *Southern baroque art; a study of painting, architecture and music in Italy and Spain of the 17th & 18th centuries* (New York, Knopf, 1924); *German baroque art* (New York, George H. Doran, 1928); *Theatrical figures in porcelain, German 18th century* (London, Curtain Press, 1949); *The Netherlands: a study of some aspects of art, costume and social life* (London/New York, Batsford, 1948); *Spanish baroque art, with buildings in Portugal, Mexico, and other colonies* (London, Duckworth, 1931); *The Gothick north; a study of mediaeval life, art, and thought* (Boston/New York, Houghton Mifflin Company, 1929); *Conversation pieces: a survey of English domestic portraits and their painters* (London, B.T. Batsford, 1936).

⁵ Para além do volume de que se ocupa este ensaio, compõem a sua bibliografia de títulos dedicados a viagens: *Roumanian Journey* (London, Batsford, 1938); *Denmark* (London, Batsford, 1956); *Malta* (com Tony Armstrong Jones, London, Batsford, 1958); *Bridge of the Brocade Sash: travels and observations in Japan* (Cleveland, World Pub. Co., 1959); *Spain* (London, New York, Batsford, 1950); *The Red Chapels of Banteai Srei, and Temples in Cambodia, India, Siam, and Nepal* (London, Weidenfeld and Nicolson, 1962); *Golden Wall and Mirador: Travels and Observations in Peru* (Cleveland, World Pub. Co., 1961).

-se entre elas a da *Kirkus Reviews*, do *The New York Times*, e do *The Times Literary Supplement*)⁶, o que faz pensar que a sua circulação (e dos quadros que ele reproduz) não terá sido despidiçada.

O livro é o resultado das visitas do autor a Portugal, em nada menos do que cinco ocasiões diferentes: a primeira entre Março e Abril de 1926, a que se seguiram visitas mais curtas em 1931, 1932, 1936, e uma última, de Agosto a Setembro de 1953. Após um capítulo introdutório dedicado a dados históricos e sociais, a narrativa encontra-se organizada geograficamente, com Sitwell apresentando ao leitor os principais centros regionais de Portugal e vários trajetos possíveis em redor de cada um deles, com um grau de minúcia assinalável, deslocando-se até povoações tão remotas como Canas de Senhorim, Vidago, Lamego, Refóios do Lima, Castelo Branco, Estremoz, ou Praia da Rocha, para além, como é óbvio, dos mais emblemáticos destinos turísticos (Braga, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Tomar, Beja, etc.). Em cada um deles Sitwell aponta os principais pontos de interesse, seja por razões históricas, artísticas, arquitetónicas, ou naturais, indo a detalhes quase impressionantes para um viajante estrangeiro. O caudal de informação que flui através do seu livro não teria sido possível, como o próprio autor reconhece, sem o apoio de “informantes locais” ligados às elites portuguesas, entre os quais se destaca o médico e especialista em história da arte Reynaldo dos Santos (autor de uma vasta bibliografia consagrada às artes plásticas e à arquitetura portuguesa), ou o detalhadíssimo guia *The Selective Traveler in Portugal*, preparado alguns anos antes por Ann Bridge e Susan Lowndes Marques⁷.

3. Corpos espelhados e reflexos fora do lugar

O primeiro momento onde gostaria de deter-me neste itinerário de leitura prende-se com o modo como os corpos que atravessam este livro nos são apresentados na sua materialidade. Refiro-me, em concreto, aos corpos de mulheres

⁶ “Portugal and Madeira, by Sacheverell Sitwell”, recensão anónima, *Kirkus Reviews*, edição de 21 de Janeiro de 1954; “Baroque And Rococo; PORTUGAL AND MADEIRA. By Sacheverell Sitwell. Illustrated. 242 pp. New York: British Book Center. \$4”, recensão de V. S. Pritchett, *The New York Times*, edição de 23 de Janeiro de 1955. “Poet’s commentary”, recensão de Rose Macaulay, *Times Literary Supplement* 2754 (12 de Novembro de 1954), p. 724; e ainda “Sacheverell Sitwell, “Portugal and Madeira,” and H. V. Morton, “A Stranger in Spain” (Book Review).” *Bulletin of Hispanic Studies*, 33(2), pp. 104. De um modo global, a receção contemporânea do livro tende a sublinhar as liberdades adotadas pelo autor na elaboração do seu relato de viagens por Portugal, destacando aspetos como a “imaginative journey” através de um Portugal “[...] of subtle colors, of gentle chivalry and of colorful history”, no qual “Mr. Sitwell’s consciousness of the intangibles does much to recreate Portugal as the country lacking the tragedy of Spain, whose beauties are more soft than dazzling yet whose golden era started new world discoveries” (*Kirkus Review*), a classificação de “a poet’s commentary” (*Times Literary Supplement*), ou ainda a classificação de “evocative travels” que haviam produzido “a dignified and useful book for the traveler who looks for beautiful things” (*The New York Times*).

⁷ *The Selective Traveller in Portugal*, por Susan Lowndes Marques e Ann Bridge, publicado em 1949 (London: Evans Brothers Limited). V.g. Pinho, Jorge. “‘The Selective Traveller in Portugal’: Anacronismos e Peculiaridades de um Olhar sobre Portugal,” *Via Panorâmica* 2 (2009), pp. 101-128.

e de homens com quem Sitwell se cruza em Portugal, e como essas pessoas são descritas, classificadas, e racializadas pelo viajante.

Sitwell viaja para a Ilha da Madeira a bordo do navio *Stirling Castle*, da Union Castle Line, vindo de Southampton, e faz o primeiro desembarque em Porto Santo. À chegada, a meio da noite e entre cerrado nevoeiro, descreve com minúcia a cena que aguarda os viajantes ainda antes de entrarem nas águas do porto: vindas de terra, dezenas de pequenas canoas movidas a remos aproximam-se do enorme cruzeiro transatlântico, cada uma delas com pequenas lanternas de que-rozene, um adulto e uma criança a bordo. Os meninos estavam ali para mergulharem nas águas por uma moeda, e os homens oferecem-se para levar para terra os passageiros e a respetiva bagagem. A cena, afirma, podia estar a acontecer em qualquer ilha dos mares do Sul, e “talvez não haja outra população branca anfíbia que saia a receber desta maneira os navios em passagem, ignorando se é dia ou noite” (Sitwell, 1954, p. 45)⁸. Ficamos sem saber, acrescento eu entre parêntesis, se ‘anfíbio’ se refere aqui à geografia marítima ou à hibridez racial. Em todo o caso, é notória a atenção dedicada a assinalar a diferença entre *estes* brancos e os outros, nomeadamente e em primeiro lugar o próprio Sacheverell, que confessa recordar a sensação do desembarque como “uma chegada privada e clandestina”, sentindo-se “como se fora um rei exilado aportando ao seu destino, onde ninguém o aguarda, para além de um ou dois mendigos, e alguns noctívagos que, nestes climas temperados, parecem falar toda a noite, e nunca se recolhem para dormir” (Sitwell, 1954, pp. 45-46).

Há um esforço contínuo para encontrar categorias raciais onde encaixar os nativos. Na ilha da Madeira, Sitwell compara-os alternadamente a mensageiros indígenas da civilização Maya (ao vê-los carregados com enormes cestos às costas, transbordantes de flores que os cobriam quase por completo, e com os quais corriam longas distâncias nos caminhos estreitos através da montanha), ou aos homens do norte de África, os habitantes das *fondouks* de Marrocos, que lhe parecem semelhantes às casas típicas de Santana, com os seus telhados de colmo. Na Nazaré, ao contemplar os pescadores trabalhando na praia, retoma a obsessão com a classificação dos corpos desta que vê como “uma raça à parte,” os mais jovens com “o osso frontal e a cana do nariz constituindo uma única linha reta”, sugerem-lhe traços semíticos (Sitwell, 1954, p. 123), enquanto os mais velhos lhe lembram “sátiros usando barretes negros e longos bigodes”. Já as mulheres, e vale a pena citar textualmente e na íntegra:

As mulheres, também, são orientais. Quando não se encontram ocupadas remendando as redes de pesca ou salgando o peixe, são orientais na sua passividade, especialmente quando se sentam em círculo na areia, ou nos degraus de pedra. Vestem negro, usam xailes negros, e algumas levam um pequeno chapéu também negro à cabeça. E parecem felizes, sentadas sem movimento algum, escondendo os rostos com uma mão que segura o xaile. (Sitwell, 1954, p. 123)

⁸ Para facilitar a legibilidade do presente artigo, todas as citações do livro de Sacheverell Sitwell são traduzidas para português. Salvo indicação em contrário, as traduções são da minha responsabilidade, e seguem de perto o original.

É claro, há surpresas que o viajante não poderia antecipar no quadro que parece traçar para as pessoas que aqui vivem, resultando em irónicos volte faces para o narrador. Descobre com imenso espanto que alguns dos praticantes de uma dança arcaica num dos pontos mais remotos do país, lugar inteiramente desligado do curso do mundo e resistente à modernidade, onde persistiam ainda primitivos rituais de bruxaria e se falava um *patois* rudimentar, tinham estado afinal, fazia menos de dois meses, no Royal Albert Hall em Londres, com a sua dança dos pauliteiros, representando Miranda do Douro num festival de folclore (Sitwell, 1954, p. 163).

As menções diretas às condições de vida nas colónias portuguesas referem-se sobretudo ao período colonial tardio do Brasil, apenas para enfocar a obra de António Francisco Lisboa (o Aleijadinho), e notar que a vida na Ouro Preto do século 18 teria oferecido um pitoresco espetáculo a todos quantos pudessem gozá-lo, com numerosas vantagens sobre as minas de ouro do Rand (Sitwell, 1954, p. 24).

Mas há algo, afirma o autor, de que é impossível esquecer-se estando em Lisboa: Mascate, no Omã, Ormuz, Goa, ou Macau. Como se estes espaços estivessem inscritos na geografia urbana da capital, em contraste com a ausência do império britânico na cidade de Londres. Afinal, recorda Sitwell, Macau contava-se entre as colónias portuguesas desde 1557, enquanto Hong Kong apenas em 1841 se tornara uma colónia da coroa inglesa. Perante isto, lamenta que não se ache em Lisboa um correspondente Arquivo das Índias, à imagem do de Sevilha (Sitwell, 1954, p. 36).

Os portugueses são, nas suas palavras, “a mais romântica das raças colonizadoras” (Sitwell, 1954, p. 53) — expressão obscura que não nos resta senão imaginar o que quereria com ela dizer o autor — o que explicaria que a colonização da Madeira tivesse sido descurada, em face de Macau ou de Goa. A Madeira estaria demasiado próxima de casa, o que também lhe serve para explicar a existência de “melhores edifícios nos Açores do que os que se encontram na Madeira” (*ibidem*).

Em Lisboa, ao visitar o Mosteiro dos Jerónimos, o especialista em história da arte (com obra publicada sobre o estilo Manuelino) declara parecerem-lhe os Jerónimos não uma abadia gótica, mas um templo indiano (“os Jerónimos são um templo indiano, com mil ou mil e quinhentos anos. Mais próximo dos templos de Angkor do que de Chartres ou de Amiens”, Sitwell, 1954, p. 97). O Castelo da Pena, em Sintra, surge-lhe como uma bizzarria da qual se alcança uma vista esplêndida (Sitwell, 1954, p. 103), o Balmoral português, dirá o autor, mas “em versão pesado”. Já o palácio de Mafra (cuja traça, diria eu, não é tão afastada assim da do Castelo de Balmoral) lhe parece “de uma monotonia quase intolerável” (Sitwell, 1954, p. 104). Na mesma linha, em fascinante nota de rodapé (pelo menos para mim) queixa-se Sitwell do mau gosto dos carrilhonistas do palácio, dizendo que um amigo seu, ao serviço do British Museum, visitara Mafra poucos anos antes, sendo recebido com os sinos das duas torres interpretando nada menos do que a valsa da *Viúva Alegre*, de Franz Lehár. “Os gostos mudam, e, parece-me — escreve — deterioram-se com o tempo. Barettoni — continua — visitando Mafra a 13 de Setembro de 1760, encontrou o carrilhonista tocando Händel e as mais difíceis

peças de Scarlatti. Que música, perguntamos nós, irão tocar os sinos do Palácio de Mafra em 2054-55?” (Sitwell, 1954, p. 107).

Tudo parece estar rigorosamente fora do lugar, como se algum génio malvado tivesse trocado a localização de monumentos, sons, e edifícios dos principais destinos turísticos da elite britânica.

4. Temporalidades fora de ordem: reflexos narcísicos dessincronizados

O segundo motivo de interpretação que gostaria de propor tem a ver com o modo como, no relato de viagens de Sitwell, o tempo merece um tratamento cuidadoso e coerente, configurando uma orientação que podemos rastrear ao longo de toda a obra. Penso aqui em particular num certo sentido da palavra *tempo*, relacionada com o conceito de tempo histórico mas não contido apenas no sentido historiográfico deste. Um sentido que pode definir-se enquanto *temporalidade*, isto é, a forma como numa relação (e todo o olhar sobre o outro o é) se produz uma negociação do tempo que é imputado ao outro, relativamente ao meu tempo. Noutras palavras: o modo como os diferenciais de poder se atualizam em ideias acerca de atraso, progresso, modernização, arcaísmo, anacronismo. O antropólogo Johannes Fabian, na sua influente obra *O Tempo e o Outro*, define como marca central destas relações aquilo que ele designa como “a negação da coetaneidade”⁹, isto é, a prática segundo a qual numa relação entre agentes com lugares de poder desiguais, um irá atribuir ao outro uma temporalidade diferente da sua, posicionando-o, relativamente a si, num ponto anterior da cronologia, remetendo-o para o passado (o exemplo clássico seria o do antropólogo branco Europeu que visita uma sociedade não-ocidental de organização comunitária, e a coloca discursivamente num tempo anterior ao seu). Importa, antes de mais, referir aqui que esta negação da coetaneidade no contexto do espaço português está longe de ser um exclusivo do olhar do estrangeiro, como demonstrou Catarina Fróis num brilhante ensaio em torno da “fatalidade do atraso” na cultura portuguesa, onde observa que, pelo menos desde meados do século XIX, a ideia

⁹ “The posited authenticity of a past (savage, tribal, peasant) serves to denounce an inauthentic present (the uprooted, évolués, acculturated). ‘Urban anthropology,’ inasmuch as it exposes counterimages to the pristine wholeness of primitive life, was in an obvious sense the byproduct of an advanced stage of colonization abroad and an advanced stage of urban decay at home. On a deeper level, as Volney’s example reminds us, it was the point of departure for our discipline in that it expressed the consciousness and concerns of its urban, bourgeois founders. [...] Beneath their bewildering variety, the distancing devices that we can identify produce a global result. I will call it *denial of coevalness*. By that I mean a persistent and systematic tendency to place the referent(s) of anthropology in a Time other than the present of the producer of anthropological discourse. What I am aiming at is covered by the German terms *gleichzeitig* and *Gleichzeitigkeit*. The unusual *coeval*, and especially the noun *coevalness*, expresses a need to steer between such closely related notions as *synchronous/simultaneous* and *contemporary*. I take *synchronous* to refer to events occurring at the same physical time; *contemporary* asserts co-occurrence in what I called typological time. *Coeval*, according to my pocket Oxford dictionary, covers both (“of same age, duration, or epoch”). Beyond that, it is to connote a common, active “occupation,” or sharing of, time.” (Fabian, 1983, pp. 11 e 31)

de um espaço alheado do tempo histórico vivido pelo resto da Europa é central ao pensamento crítico português (v.g. Frois, 2012, p. 89 e ss). Importa, contudo, compreender como em Sitwell (como noutras narrativas de viajantes) essa cisão das temporalidades se liga, por um lado, com o primeiro eixo de leitura acima explorado, a racialização dos corpos, e, por outro, com um outro aspeto de que tratarei em seguida.

Ao fechar o capítulo inicial, Sitwell pinta um retrato do país onde se condensa o essencial da sua ideia de tempo neste espaço. Gostaria de reproduzir esse trecho que, embora longo, me parece justificar ser citado na íntegra:

Portugal é um dos mais adoráveis países da Europa, com os seus pinhais cheios de sons, as suas vinhas, os seus jardins hesperidianos. Existem vales no norte de Portugal que são puros vales arcadianos. Pequenas vilas, como Lamego, Barcelos, ou Amarante, contêm belezas fora de proporção com a sua população. Esta é a doce Lusitânia; e no sul é tórrida, mas sem o temperamento sanguíneo de Nápoles, sem a vendetta e o vulcão. Se uma idade de ouro dura apenas o tempo de uma geração, aqui existem ainda os extraordinários edifícios dessa geração que partiu do Tejo para a Índia e a China, e velejando para Oeste primeiramente atracou no Brasil. Hoje, esta é uma terra acordando de um sono longo, mas não isento de sonhos. Dormiu durante a revolução industrial, que enegreceu grande parte da Europa. Se agora acorda, sem mácula, para um presente mais risonho, deve-se isso ao benevolente projecto de sábias mãos. (Sitwell, 1954, p. 39)

Não será decerto difícil identificar aqui a que mãos se refere Sitwell, e qual o projeto que faria despertar “sem mácula” o país para um tempo que, de algum modo, saltava por cima da revolução industrial, para preservar esse espaço alegadamente idílico, composto de quadros de uma natureza pristina e intocada pela modernidade, e uma impecável ruralidade. Mas é interessante procurar compreender como o autor contemporiza uma ideia de passado imperial com a letargia “não isenta de sonhos”, e um presente ameno, pacífico e produtivo (um presente quase vegetal, como veremos). Em cada um destes atributos o seu quadro configura uma antítese perfeita e simétrica do que facilmente identificaríamos com a trajetória histórica do seu país de origem.

É recorrente, ao longo da narrativa, a atribuição aos nativos de uma suposta “idade da inocência”. Isso mesmo acontece logo na Madeira, onde, a propósito de uma reflexão acerca dos costumes locais no que respeita a gorjetas, os funcionários de hotéis e restaurantes, os mendigos, e as vendedoras ambulantes de flores inspiram no autor uma espécie de compaixão, “Mas esta — afirma — é uma população não corrompida, talvez aquela que se encontra ainda menos contaminada, de todas as que derivam do stock racial europeu. Os madeirenses ainda se encontram na idade da inocência” (Sitwell, 1954, p. 49).

Na Nazaré, perante os pescadores, revela o receio de que o “modo de vida tradicional” se perca em favor da modernização das técnicas e da melhoria das condições de trabalho e de vida, e faz votos de que a vila piscatória no litoral português se conserve inalterada, já que, na sua óptica, aqui o progresso equivale a destruição. Em Lisboa, informado acerca dos planos para construção de uma travessia sobre o Tejo (que começaria só em Novembro de 1962), a sua posição é idêntica: “Quando, se é que algum dia, a ponte sobre o Tejo for construída, o

mais certo é que a península de Setúbal seja destruída pelo excesso de estâncias de férias. Talvez essa construção seja inevitável, mas irá arruinar uma das mais belas regiões de Portugal” (Sitwell, 1954, p. 136).

Depois de visitar algumas das aldeias tidas como mais genuinamente portuguesas (Monsanto, Penamacor, Urgeiriça, Belmonte), Sitwell dirige-se para Viseu, onde desenvolve um dos *Leitmotive* da sua narrativa: lamenta aquilo que encara como a destruição dos edifícios, a pretexto da restauração. A Sé de Viseu, que é objeto de “furiosas e ruidosas obras de restauração” aquando da sua visita, parece-lhe o exemplo perfeito de como — cito — “homens no topo de escadotes, armados de marretas, martelavam a eito, não poupando pedra nem madeira, num insensato espetáculo de como os portugueses destroem os seus monumentos — trata-se da grande obra de vandalismo das nossas vidas” (Sitwell, 1954, p. 151).

Há, no entanto, um facto ligado à modernização da infraestrutura do país que Sitwell valoriza. A rede de estradas nacionais, desenvolvida pelo regime de Salazar, é, para ele, o aspeto mais positivo das mudanças no país entre as suas múltiplas visitas. Refere, por exemplo, que não poderia ter explorado as imediações de Évora aquando da sua primeira estadia em Portugal, o que lhe foi relativamente fácil na última deslocação. Testemunha em primeira mão o assentamento de uma estrada no norte, entre Braga e Ponte de Lima (provavelmente, a EN 201), e confessa nunca antes ter visto a construção de uma estrada inteiramente feita com recurso a força de braços, “todo o trabalho aqui é feito à mão, por dezenas de homens e mulheres, de joelhos no chão, martelando os paralelos um a um” (Sitwell, 1954, p. 189).

A impressão geral é a de que resiste aqui uma espécie de tempo imutável. Na sua última visita, dirige-se ao Porto, onde estivera cerca de vinte anos antes, e nota como nada ali mudou: sobe ao adro da Sé para contemplar o mesmo casario, e ao descer a rua é cumprimentado pelo que lhe parece ser a mesma mulher idosa do topo de uma janela numas águas-furtadas. “Quantos anos passarão — pergunta-se — até estas casas desaparecerem?” (Sitwell, 1954, p. 193).

5. Em campo de fundo: molduras vegetais

O terceiro e último momento no qual gostaria de me demorar remete-nos para o modo como, em *Portugal and Madeira*, um tema parece sobressair ao longo de todos os quadros narrativos que compõem a obra — o tema da natureza, e, muito em específico, a natureza vegetal. As plantas, em sentido lato, ocupam um lugar central no campo de visão de Sitwell, onde quer que se encontre. Ao ponto de se entregar, por páginas inteiras, à descrição da flora da serra de Sintra, dos jardins transmontanos, ou da vegetação da ilha da Madeira. Um investimento narrativo que surpreende num volume não dedicado à botânica, e sobretudo se o confrontarmos com a relativa escassez de espaço narrativo para as pessoas que vivem em volta dessa vegetação.

Assim, do Minho destaca o autor os pomares carregados de frutos, com as mulheres do campo movendo-se lentamente entre eles, e tornando-se cariátides portadoras de cestos de uvas por altura das vindimas, bem como os bois de longos cornos (Sitwell, 1954, p. 21). Aqui, neste território, o espaço parece intem-

poralmente consagrado à natureza, produzindo uma simbiose entre o corpo, a paisagem e o trabalho onde estes elementos se confundem entre si. Em Braga, o Palácio dos Biscainhos é desinteressante, com exceção dos seus jardins (Sitwell, 1954, p. 183), mas ao conduzir através do Minho, numa das “mais férteis e belas regiões de Portugal” (dois adjetivos que, registo de passagem mas enfaticamente, surgem quase sempre associados no seu livro), ao conduzir através do Minho “idílico” experimenta uma espécie de transe, já que “milha após milha, poderia qualquer um de nós imaginar ser este o palco para alguma ópera clássica ou peça de ballet” (Sitwell, 1954, p. 189).

No Porto, cidade onde “nenhum museu merece o tempo que lhe seria dispensado” (194), todo o interesse está nas ruas e, em especial, na beleza das camélias — trazidas para a cidade por mercadores ingleses (Sitwell, 1954, p. 194).

As cenas na cidade de Lisboa são dominadas pela presença quase obsidante do jacarandá, primeiro vislumbre e convite para os trópicos, naquela que seria a única capital europeia com jacarandás nas suas avenidas (Sitwell, 1954, p. 41). A Praça do Comércio parece-lhe decepcionante, não sendo comparável a qualquer das praças centrais de outras cidades europeias, e apenas a luz que se derrama sobre a cidade merece, segundo Sitwell, algo daquilo que sobre esta praça tem sido escrito — e que lhe parece, no geral, exagerado (Sitwell, 1954, p. 70).

Sitwell visita o Museu dos Coches, em Belém, e despende numerosas páginas a descrever a coleção de carros ornamentadíssimos. O que mais o intriga, no entanto, é qual teria sido a utilidade daqueles veículos, num país sem estradas minimamente aptas para o trânsito de qualquer tipo, o que o leva a rotular como “mania” dos governantes o acumular de coches e carros de coleção (91). Numa cidade onde os elétricos e os comboios nunca chegam nem partem à hora prevista, o autor não esconde que aquilo que o seduz são sobretudo os encantos da manhã, com “um galo cantando, escondido nalgum pátio ou jardim nas traseiras de uma vivenda”, e gerânios brilhando na primeira luz do alvorecer, quase incandescentes, ou palmeiras ladeando as ruas, e um velho castelo [o Castelo de São Jorge] quase em ruínas, reclamado pelas plantas trepadeiras (Sitwell, 1954, p. 88). É, enfim, uma cidade quase vegetal aquela que ele elege como ponto focal da sua narrativa. A logística, bem como aquilo que poderíamos simplisticamente designar “cultura” e que é, enfim, o que Sacheverell Sitwell encontra numa cidade como Londres ou Nova Iorque, não têm lugar em Lisboa. Devem ser afastadas, como imagens que se repelem (espelhos invertidos), numa lógica de distribuição do sensível (e do político) que reserva um lugar vegetal a este espaço.

O Algarve (“demasiado a Sul para ser interessante”, Sitwell, 1954, p. 145) é reduzido por sinédoque à raça de cão que terá tido origem ali, o Cão-de-Água-Português, que lhe motiva uma cuidadosa descrição e registo fotográfico (Sitwell, 1954, p. 146).

Na ilha da Madeira, Sitwell consagra grande parte da narrativa a reflexões acerca do crescimento de espécies florais no jardim do hotel Reid's: os gerânios, os crisântemos, hibiscos, buganvílias, os frangipanis ou jasmim-manga, as barri-lhas ou erva do orvalho, a flor do maracujá, as glórias da manhã, e ainda os catos e palmeiras, que “crescem como se a terra lhes pertencesse” (Sitwell, 1954, p. 52), tudo isto numa paleta de cores que leva Sitwell a questionar-se se não estará

afinal numa das telas de Gauguin na Polinésia. Toda esta luxuriante natureza vegetal lhe lembra, afinal, as estufas britânicas, como toda a ilha se tratasse de uma riquíssima estufa inglesa.

A ilha é um espaço onde tudo cresce indefinidamente, de forma abundante e descontrolada, as árvores nas ruas, os arbustos nos quintais, as florestas nas imediações das vilas (Sitwell, 1954, p. 49). Muitas destas espécies foram trazidas para cá por conterrâneos de Sitwell, por mais de dois séculos, o que confere toda uma outra dimensão à ideia de estufa britânica. Uma magnólia plantada pelo Capitão Cook podia ainda ser admirada na Quinta do Vale, e Veitch, cônsul britânico na Madeira, havia planificado muitos dos jardins da ilha, sendo responsável, sozinho, por quase toda a flora da região (Sitwell, 1954, p. 64).

Não longe do Funchal, caminhando junto à estrada ao entardecer, Sitwell depara-se com uma paineira-vermelha-da-Índia (*Bombax ceiba*), o que lhe traz à memória uma bisnagueira (*Spathodea nilotica*) vista dias antes num jardim madeirense, e o leva a pensar na abundância de “emblemas de outros continentes” presentes no espaço da ilha (Sitwell, 1954, p. 65).

A par da vegetalização da vida e do espaço, progride ainda na sua narrativa uma espécie de desrealização, com sucessivos quadros destinados a comprovar o que o autor vê como o afastamento deste espaço a sul da Europa do domínio da vida real quotidiana, com os seus problemas, a sua logística, a sua objetividade material e contingente. Pelo contrário, aqui tudo é vagamente onírico e sem uma função definida. Várias aldeias lhe parecem ter as proporções exatas de um palco de teatro (Câmara de Lobos, por exemplo, dá-lhe a impressão de poder ser desmontada e reconstruída em qualquer palco de um dos grandes teatros da Europa, com os seus barcos de pesca, cujas redes pousadas delicadamente sobre os costados nas embarcações, não se diferenciando do trabalho de cenógrafos, p. 60). E na cidade de Aveiro, deparando-se com as mulheres dos pescadores (uma “população pitoresca”, nas suas palavras), declara haver aqui “infinito material para pintores, e mais ainda para fotografos amadores” (Sitwell, 1954, p. 208). Aveiro, aliás, onde os tradicionais ovos moles, à venda na estação, lhe apresentam “um sabor decididamente Oriental, como se houvessem sido confeccionados num harém, e aparentados das *yemas de San Isidro*, de origem inquestionavelmente árabe”.

As espécies vegetais que o transportam para outras paragens, os cenários exóticos que vê nas cenas de vida quotidiana dos madeirenses levam Sitwell a associar também a ilha ao oriente. Vê nas cores da paineira vermelha o pigmento dos saris usados na Índia, em florestas onde elefantes transportam troncos de árvores, e lembra-se do Burma, com as suas mulheres que mastigam folhas de areca e fumam cigarrilhas (Sitwell, 1954, p. 66). A Madeira é, para ele, o palco de uma fantasia exótica. Mas uma fantasia exata, também: uma visão do oriente colonial britânico, que havia então alcançado recentemente a independência (a Índia a 15 de Agosto de 1947, o Burma a 4 de Janeiro de 1948).

Sem que isso seja nunca referido abertamente, Sacheverell Sitwell projeta sobre o quotidiano do país uma realidade sensorial que era conhecida de todos os britânicos da sua geração (e, em especial da sua posição social), uma panóplia de espécies vegetais, cores, cheiros, práticas que coincidiam com as do império

britânico, e que por esta altura, graças à resistência local, chegava a um fim (pelo menos, formalmente). O que fazer com tudo isto, como ler esta fantasia exótica?

É aqui que, creio, se torna especialmente útil pensar na criação de imaginários narrativos nos termos de espelhos narcísicos. O espaço que Sitwell percorre é, essencialmente, um espaço sem gente real, um espaço apenas contentor, recetáculo. Um território para o qual ele sente necessidade de traçar um passado nos seus termos, mas desprovido de presente. E que deve conservar-se assim, para que faça sentido numa certa lógica, narcísica, onde Narciso precisa de ver ainda o rosto da sua irmã.

Em São Pedro do Sul este espelho torna-se momentaneamente, por assim dizer, bidirecional, e irá reciprocamente o olhar de Sitwell. Pela primeira e única vez na sua vida, segundo o próprio, um grupo de pessoas aproxima-se do viajante enquanto ele almoça numa esplanada, e toca-lhe, para perceber se era real ou não (Sitwell, 1954, p. 152). Gostaria de ter uma descrição mais demorada deste momento de quebra da quarta parede, mas infelizmente é tudo o que nos proporciona Sitwell, e não creio que possa encontrar registos da narrativa contada pelos locais. O mais certo é o contato ter-se ficado por aí, devido às dificuldades de expressão de ambos no idioma do outro. Mas podemos imaginar a impressão que terá causado Sitwell, um homem branco, de estatura elevada, impecavelmente vestido e penteado, perante aquelas e aqueles que decidiram tocar-lhe para ver se era real. Uma espécie de reverso — o espelho líquido move-se, e interpela Narciso.

6. Olhares espelhados de um Narciso inquieto

Há duas pessoas apenas individualizadas em todo o livro, isto é, individualizadas como pessoas, atravessando o texto sem qualquer justificação instrumental, para provar o que quer que seja. Essas duas pessoas passam quase como fantasmas, sem que se perceba sequer, na lógica do livro, por que são trazidas às páginas. Uma mulher de meia-idade vestida de negro em Lamego que se cruza na frente de Sitwell e passa, em silêncio, e uma outra mulher, vendedora de peixe, na Nazaré. Não será, quase decerto, a mesma que fotografara Gerti Deutsch na mesma vila anos antes, e cujo retrato Sacheverell publica com o seu livro. Mas gosto de pensar em ambas como uma perturbação do transe de Narciso, uma imagem que não se deixa conter nos limites do reflexo, mas que toma lugar, inunda de vida e de sentidos o espaço vazio do trânsito entre o eu e o eu. De alguma maneira, como o livro de Grada Kilomba, um espelho-problema, a interromper o processo de vegetalização de Narciso, e a não permitir que no seu lugar nasça uma flor exótica ou outro marcador vegetal.

Gostaria de concluir sublinhando a importância destas figuras individualizadas que cortam através da perspetiva totalizante que é dominante no livro de Sitwell. Presenças como as destas duas mulheres impedem que a vida seja reduzida a uma função de distintos projetos imperiais, neutralizando uma racionalidade abstrata. Mas quanto pode o testemunho de um olhar tornado mudo nas páginas desta narrativa? Ao visitar *Portugal and Madeira* hoje, quase um século após as primeiras viagens ali documentadas, debatemo-nos com a dificuldade de ler o que não está lá, a experiência objetiva e real das pessoas que são quase

sempre (mas nem sempre) reduzidas a ilustração de projetos políticos. Encontrar as suas vozes debaixo dos escombros desta narrativa exige de nós um modo de leitura distinto, comprometido com as presenças que o livro reserva a posições marginais, mas que, ainda assim — e talvez *contra* o próprio autor — irrompem nas páginas de Sacheverell Sitwell.

Procurei demonstrar aqui que *Portugal and Madeira* é um produto do seu próprio tempo, refletindo posições que são as do contexto social, racial e cultural do seu autor, enquanto também se constitui como uma tentativa de redefinição dos termos relativos com que são descritos espaços geográficos, políticos, artísticos e corporais. Parece-me seguro afirmar que o livro de viagens tem como objetivo dar a conhecer um espaço caracterizado pela condição periférica, subdesenvolvida, e destinado a uma relação de colonialidade com outras geografias hegemônicas, função que se serve da racialização dos corpos e da construção de uma ideia de atraso para desligar o presente do passado. Trata-se, em síntese, de compartimentalizar em planos narrativos distintos a realidade material presente ao viajante (a percepção de pobreza generalizada, desigualdade social, indigência face ao estrangeiro), e uma noção de passado que este procura lhe imprimir, desligando-a por sua vez da ocupação colonial contemporânea à narrativa. Entre outros dispositivos temáticos, *Portugal and Madeira* serve-se de uma centralização narrativa de quadros naturais (com especial destaque para contextos vegetais) como instrumento de produção de contrastes com outros espaços europeus. Este aparato de contrastes e jogos de espelhos imperiais, porém, encontra resistência nas presenças individualizadas que podemos encontrar nas páginas do livro de viagens. Presenças que, ainda que de modos nem sempre óbvios, dão testemunho de condições materiais concretas, desmontando a lógica macro que o autor busca para a sua abordagem a este país.

E isso acontece porque estas presenças falam de um tempo e de uma realidade específicas, que não podem ser subsumidas nas grandes linhas generalizantes que constituem as lentes através das quais Sitwell observa Portugal. De algum modo, estas mulheres infiltram-se através do esforço sistematizante (e, por isso, redutor) do autor. Falam de quê? De um espaço de contingências e resistência. Não do Portugal rural estereotípico que Sitwell evoca em termos românticos e idealizantes, mas de uma realidade concreta de pobreza e persistência, que é a do Portugal debaixo do regime liderado por Oliveira Salazar.

Referências bibliográficas

- Fabian, J. (1983). *Time and the Other. How Anthropology Makes Its Object*. New York: Columbia University Press.
- Frois, C. (2012). “The Fate of ‘Backwardness’: Portuguese Expectations over Modernisation.” *Anthropological Journal of European Cultures* 21.2 (2012), 89-113.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Quotidiano*. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro.
- Pausanias (1935). *Description of Greece, Volume IV: Books 8.22-10 (Arcadia, Boeotia, Phocis and Ozolian Locri)*. Tradução de W. H. S. Jones. Loeb Classical Library 297. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Santos, B. S. (2003). Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo, e interidentidade. *Novos Estudos CEBRAP*, (66) Julho.
- Sitwell, S. (1954). *Portugal and Madeira*. London: B. T. Batsford Ltd.

Resumo

Publicado originalmente em 1954, *Portugal and Madeira* constitui o relato de cinco viagens realizadas pelo escritor britânico Sacheverell Sitwell a Portugal entre 1926 e 1953. A par de informes históricos, culturais e artísticos minuciosamente preparados (para os quais contribuíram as ligações do autor a vários membros da elite intelectual portuguesa), Sitwell pontua o seu livro de viagens com reflexões acerca do passado imperial português e da ocupação colonial portuguesa em África que é contemporânea da sua escrita. Em contraste claro com a temática do país rural, arcaizante e pobre que atravessa as suas descrições de Portugal (em especial, do interior), a visão de Sitwell dos espaços coloniais é marcadamente apologética do exercício colonial, destacando aspetos do que ele caracteriza como “modernização” e “progresso” dos territórios ultramarinos. O título é publicado contendo um elevado número de fotografias que reproduzem esta assimetria. Neste ensaio defendo que o aparente paradoxo do livro de Sitwell pode ser interpretado como um exercício de redefinição das relações de colonialidade estabelecidas entre Portugal e os territórios ocupados em África, partindo de um jogo de contraste e identificação entre o projeto imperial português e o britânico, o qual pode ser entendido como relação narcísica entre blocos imperiais.

Abstract

Originally published in 1954, the book *Portugal and Madeira* collects the impressions of the British author Sacheverell Sitwell over five trips to Portugal, on different occasions between 1926 and 1953. Along with detailed historical, cultural, and artistic remarks on the country (indebted to the many connections linking the author to the Portuguese intellectual elite), Sitwell includes several reflections on the imperial past of the country and the contemporary Portuguese colonial occupation in Africa. In stark contrast with his characterization of Portugal as rural, poor and backward (especially in the countryside), Sitwell's account of the colonial occupation is markedly positive, highlighting what he perceived as modernization and progress of the colonies. The travelogue comprises several photographic records that speak to this contrast. In this article I argue that this seemingly paradox can be understood as an exercise in redefining the relationship of coloniality between Portugal and the occupied territories overseas, based on a strategy of contrast and identification opposing the Portuguese imperial project and British imperialism, in what configures a narcissistic relationship between two imperial structures.